

materiais didáticos de múltiplas linguagens, que pudessem ser utilizados pelos professores para trabalhar esse conteúdo em sala de aula com as crianças e adolescentes.

Você acredita que esse conhecimento é uma lacuna na formação dos professores brasileiros?

Já avançamos bastante desde a Lei 10.639, mas, sim, há uma lacuna na formação inicial dos professores e também na continuada. Há material, mas falta referencial teórico. Observamos que há uma distância grande entre o que se aprende na faculdade, o que os materiais trazem e a realidade do que está acontecendo ali, em sala de aula. Existem duas formas de tratar essa temática. A primeira é uma pedagogia de eventos, que eu costumo brincar que é o currículo turista, quando você faz um turismo pelas minorias simbólicas do país. Você fala de negros no Dia da Consciência Negra, fala de indígenas no Dia dos Povos Indígenas, e de mulheres no Dia Internacional da Mulher. O problema dessa abordagem é que ela acaba reforçando estereótipos, porque não trabalha com profundidade os conteúdos. Precisamos trabalhar com uma abordagem de currículo. Não adianta anunciar o racismo, é preciso criar práticas antirracistas. Não adianta ter material ou até uma sequência didática, é preciso ter uma mudança na perspectiva dos professores.

E como tem sido a repercussão dos cursos?

O retorno dos colegas é, eu acredito, o resultado mais bonito. No semestre passado, eu trabalhei com a interpretação e análise de filmes do continente africano. A ideia de trabalhar com isso era para que tivéssemos uma aproximação das paisagens, corpos, cenários e linguagens produzidas por diretores africanos, por eles próprios. Assistimos a vários filmes de Nollywood, a indústria de cinema da Nigéria. E a forma como os colegas usaram estes filmes para trabalhar com as crianças foi bem interessante. Teve o caso do filme *Amina*, que é um filme para uma faixa etária maior, de 12, 14 anos, mas que uma professora usou na educação infantil. Ela traduziu o filme numa linguagem acessível às crianças e depois trabalhou com a ideia de rainhas, a importância que as rainhas



Professores compartilham ideias durante o curso formativo: materiais serão expandidos para a rede



Jogos de tabuleiro, cartas e outras atividades lúdicas: uma forma de o Brasil conhecer a própria história



Crianças da rede pública de ensino do DF testam o material produzido por professores durante o curso

tiveram na África, a importância das mulheres. Outra situação foi com o filme *Cavaleiro do rei*, que trata de uma situação da Segunda Guerra Mundial, como a guerra foi interpretada pelos intelectuais africanos. Alguns colegas de história pegaram esses trechos e também usaram para trabalhar a questão da Segunda Guerra Mundial dentro dos seus planos de aula. Trabalhei, ainda, com uma dinâmica mostrando a importância de objetos de memória em relação à questão da ancestralidade e oralidade, que são valores civilizatórios para o brasileiro. Os professores também levaram isso para as crianças e os adolescentes; elas tiveram que contar sua história, dos avós, dos pais... Ou seja, ao acessar este repertório, os professores também levaram para a sala de aula esses conhecimentos.

Quais resultados podem ser medidos do impacto dessa formação?

Neste segundo semestre, como já foi um curso mais voltado para a produção de material didático, tivemos materiais fantásticos! Um jogo de tabuleiro em formato circular, fazendo alusão à importância da circularidade para as culturas afro-brasileiras; fichas, que viraram quebra-cabeças das etnias indígenas aqui do Distrito Federal; um jogo da memória com símbolos tribais de povos de Gana; um material que foi feito para o ensino médio, que traz informações sobre política e economia africanas de uma forma lúdica; um dominó com símbolos incas; e um jogo que foi criado por eles, chamado "Quem é quem nesse terreiro", que traz informações de várias personalidades brasileiras negras, de vários momentos da



Entre os conteúdos do curso, professores aprendem sobre filosofia de povos indígenas brasileiros



Estudantes aprendem sobre símbolos africanos com material desenvolvido pelos próprios professores

história, desde Zumbi dos Palmares e Dandara até Marielle e Silvio Almeida. Esse material foi produzido pensando na realidade do Distrito Federal, por profissionais de diferentes componentes curriculares, diferentes regionais, visando a possibilidade de adequação para diferentes idades. Nossa ideia é transformar isso num caderno pedagógico e disponibilizar para a rede com o passo de como foi feito. Eu acredito que a gente tem pelo menos 10 materiais que foram produzidos, e isso eu acredito que é a grande contribuição do curso para a rede. Um material feito numa perspectiva antirracista, tomando como referência os conhecimentos dos profissionais da educação daqui. E foi muito divertido quando a gente experimentou porque a ideia era que os colegas experimentassem os trabalhos uns dos

outros, porque uma das coisas que eu sempre tento trazer para o curso é como combinar forma e conteúdo. Então, se o conteúdo era trabalhar uma perspectiva de bem viver, de acordo com as filosofias indígenas e africanas, como o curso também pode se tornar um espaço de bem viver? Como a gente modifica a conjuntura e a organização espacial da sala promovendo outras formas de sociabilidade e que também produzem conhecimento, né? Não só o texto escrito, não só a organização da sala como a gente está acostumado, são válidos, mas a oralidade, a contação de história, a brincadeira, a dança, a experiência com os elementos da natureza, tudo isso é produção de conhecimento e é pedagógico. Se os colegas experimentarem isso, a possibilidade de eles levarem para a sala de aula é muito maior.